

CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA – UMA HISTÓRIA QUE DÁ JOGO... PRIMEIROS APONTAMENTOS SOBRE SUAS INTER-RELAÇÕES*

PAULA CRISTINA DA COSTA SILVA

Mestranda em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Unicamp.
Bolsista da Capes. E-mail: letpau@yahoo.com.br

RESUMO

Trata-se de artigo que procura estabelecer inter-relações entre a capoeira e a Educação Física, buscando analisar o estágio atual da capoeira moderna e perspectivar algumas tendências desta manifestação cultural. Para tanto lançamos mão do materialismo histórico dialético, por meio do qual analisamos fatos históricos responsáveis pela aproximação entre a área de Educação Física e o universo capoeirístico.

PALAVRAS-CHAVE: capoeira; história da capoeira; Educação Física; história da Educação Física.

* Este artigo foi adaptado da participação como palestrante da mesa-redonda do IV Simpósio Nacional Universitário de Capoeira (SNUC), realizado em novembro de 2000, na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo o tema deste evento a *Capoeira no século XXI – Tendências e Inovações*.

I. INTRODUÇÃO

Inicialmente a proposta desenvolvida para este texto foi a de realizar um resgate histórico dos fatos relevantes ao percurso da capoeira e as relações estabelecidas entre esta manifestação cultural popular brasileira e a Educação Física¹ para, a partir deste referencial, traçarmos um esboço de como se daria sua configuração futura. No entanto, no processo de elaboração deste artigo aprofundamos um pouco mais a abordagem relativa à Educação Física, suscitando algumas questões que apenas apontamos nesta ocasião e que merecerão, posteriormente, uma atenção mais detida em suas análises.

Desta forma, podemos dividir esta reflexão teórica em quatro momentos. O primeiro está relacionado ao relato de uma parte da história da capoeira, que consideramos relevante e busca mostrar sua vinculação aos escravos, no século XIX, e às classes populares, no início do século XX.

O segundo momento configura-se como o início das relações entre a Educação Física brasileira e a capoeira, estabelecendo o princípio de um movimento dialético de apropriações desta prática popular.

O passo seguinte ocorre na busca da compreensão da capoeira atual por meio da apreensão dos embates ocorridos dentro de seu próprio universo, levando-se em conta sua contextualização histórico-social, além de analisarmos, ainda que superficialmente, as questões relativas à capoeira nas interpretações realizadas por duas linhas teórico-metodológicas da Educação Física.

Finalizamos a abordagem com o esboço de algumas considerações as quais apontam caminhos para continuação dos estudos sobre este tema.

II. NOS TEMPOS DA ESCRAVIDÃO

Ao iniciarmos o debate sobre a capoeira no Brasil, podemos nos remeter diretamente às várias versões de como esta manifestação cultural popular se fez presente entre nós. Existe um sem número de histórias e mitos sobre esse assunto. Porém, por enquanto, só há pistas sobre seu surgimento, nas quais vários historiadores, no decorrer dos tempos, vêm reescrevendo sua trajetória. Não há ainda uma data estabelecida ou um local que possa ser apontado como seu berço. O que temos de concreto é que esta manifestação – que é um misto de luta,

1. Neste texto utilizaremos o termo *Educação Física* com as iniciais maiúsculas para se referir a área de conhecimento e *educação física* com as iniciais minúsculas para tratarmos da disciplina pedagógica responsável pela *pedagogização* dos temas da cultura corporal.

dança, brincadeira, teatralização, jogo, enfim... –, vai ter sua origem a partir do tráfico de escravos.

Com a escravidão, a presença cultural africana no Brasil deixa marcas indeléveis, misturando-se com aquela existente no país. Devemos levar em consideração que, além das transformações ocorridas no contato multicultural de vários povos, o resultado destas misturas passou por inúmeras mutações e entrou num processo de recriação. Entendemos que a partir daí surgiram várias manifestações de origem africana e dentre estas, com certeza, a capoeira.

É interessante refletirmos sobre o surgimento da capoeira deste ponto de vista, pois admitimos que ela sofreu e sofre constantes mudanças, reinventando-se cada vez que a praticamos, porque a construímos coletivamente. E é este conceito – que a compreende como uma *manifestação cultural popular brasileira* – que adotamos neste estudo².

A sua construção coletiva ocorreu durante seu trajeto histórico e fez com que ela se adaptasse às diferentes situações sociais, políticas e econômicas na qual se encontrava inserida.

Foi por meio da *ginga* ou do *jogo de cintura* que primeiramente os capoeiras³ e, posteriormente, os capoeiristas⁴ forjaram esta manifestação cultural e pensamos que isso aconteceu principalmente a partir do fascínio que a capoeira despertou e desperta até hoje em seus praticantes. Podemos fazer esta afirmação porque percebemos que apesar de analisarmos criticamente a capoeira, tal qual fazemos agora neste texto, existe em cada capoeirista um sentimento inexplicável, quando entra numa roda e frui a sua prática. É muito difícil explicar para uma pessoa não iniciada o que sentimos durante um jogo de capoeira e com certeza é também esse amontoado de sentimentos, entre outras coisas, que dá sentido à sua manifestação.

Porém, podemos notar seus diferentes significados no decorrer dos períodos históricos e como eles foram interpretados.

2. O conceito aqui utilizado para a capoeira como *manifestação cultural popular brasileira* baseia-se nas abordagens realizadas por Canclini, 1983, e Chauí, 1988. Neste conceito leva-se em conta que as manifestações culturais populares advêm de uma classe social determinada no sistema econômico-social em que vivemos, no qual se pressupõe uma *luta de classes*. Atualmente desenvolvemos esta conceituação de forma detalhada na dissertação de mestrado.

3. Denominamos neste texto *capoeiras* aqueles praticantes da capoeira no período anterior ao qual ela se enquadrava como uma contravenção, de acordo com Código Penal da República de 1890, e após sua criminalização até a década de 1930, quando foi legalizada pelo governo de Getúlio Vargas.

4. Denominamos de *capoeiristas* aqueles que praticavam capoeira após sua descriminalização pelo governo de Vargas, e que engloba os adeptos desta manifestação cultural até hoje.

Seguindo o referencial materialista histórico-dialético e, especificamente, lançando mão de alguns estudos recentes, podemos começar a nos aproximar de como se encontra a capoeira atualmente e como ela veio a se constituir.

De acordo com as pesquisas efetuadas por Carlos Eugênio Líbano Soares e Liberac Pires⁵, temos um panorama de como era a organização dos capoeiras no decorrer do século XIX e início do XX no Rio de Janeiro.

Os dados levantados a partir das ocorrências policiais apontam que até meados do século XIX tínhamos uma capoeira ligada basicamente aos escravos africanos que trabalhavam na cidade. É importante salientarmos que estes escravos, em sua maioria, eram aqueles denominados de *escravos de ganho*⁶, que possuíam uma certa *autonomia* nas ruas e encontravam um ambiente favorável para transitar no meio urbano.

Já a partir da segunda metade do século XIX, a capoeira escrava espalha-se abrangendo outros adeptos, entre eles imigrantes portugueses, negros forros, brasileiros etc. Basicamente ela irá atingir a camada popular, fortalecendo-se.

Como uma prática predominantemente popular, a capoeira torna-se uma manifestação aglutinadora e organizadora de grupos que irão reivindicar, por meio da violência, seu espaço social. Neste momento histórico temos a capoeira das ruas e dos grupos denominados pelo aparato policial de *maltas*.

Essas maltas eram rivais e lutavam pelo domínio político e espacial da cidade. Elas eram organizações paramilitares que ameaçavam, indubitavelmente, a ordem social vigente. Além disso, não adotavam uma mesma linha filosófica. Muito pelo contrário, seus enfrentamentos decorriam principalmente das suas divergências políticas, sendo que algumas apoiavam abertamente a causa republicana e outras eram monarquistas. Existiam também aqueles integrantes destas organizações que não se identificavam com uma linha política específica, preferindo manter-se *neutros* e à espera de algum acontecimento do qual pudessem tirar vantagens políticas ou financeiras.

Com a Proclamação da República, em fins do século XIX, temos a perseguição policial se acirrando contra as organizações de capoeiras e, em 1890, o enquadramento desta prática dentro do Código Penal como uma contravenção de nível nacional.

5. Utilizamos as seguintes obras para este texto: Soares, 1998 e Pires, 1996.

6. Escravos de ganho eram aqueles que trabalhavam fora do ambiente doméstico, geralmente exerciam funções ligadas ao comércio, vendendo mercadorias nas ruas da cidade durante o dia e entregando os ganhos obtidos para seu senhor.

Essa perseguição nos faz refletir sobre o sentido adquirido pela capoeira naquela época. Pensamos que sua organização teria alicerces extremamente sólidos e que provavelmente ela passou a ser uma ameaça latente aos donos do poder, sendo, por este motivo, perseguida.

III. A EDUCAÇÃO FÍSICA À PROCURA DE SUA IDENTIDADE NACIONAL (OU O INÍCIO DE UMA *PAQUERA*...)

Com a marginalização da capoeira em 1890, observamos a desorganização das malhas e paulatinamente sua apropriação por novos praticantes. Aqueles advindos dessas antigas organizações e que conseguiram escapar à perseguição policial irão praticá-la em locais próprios e refugiados da repressão, porém construindo lentamente um novo significado para esta manifestação.

No caso do Rio de Janeiro, os novos praticantes da capoeira tinham um forte vínculo com os métodos ginásticos europeus, pois faziam parte de uma camada social mais elevada e possuíam acesso à educação formal e às academias de ginástica particulares da época.

Nesse período histórico, que remonta aproximadamente ao início do século XX, observamos as primeiras aproximações entre a capoeira e a educação física. Ironicamente podemos dizer que neste momento a capoeira e a educação física iniciam uma *paquera*.

Esta afirmação é baseada nos fatos ligados à implantação da educação física no Brasil a partir dos métodos ginásticos. Estes, por sua vez, vinham ocupar um papel dentro de um contexto social que se encontrava em fase de transição, passando de um modelo econômico agrário para o de base industrial, com a estruturação subsequente dos centros urbanos. Os métodos ginásticos desenvolvidos no Brasil possuíam as mesmas finalidades de seus países de origem, ou seja, disciplinar os corpos visando ao fortalecimento da população para a produção nas fábricas, melhorar a *raça* mediante uma política de eugenia e desenvolver um plano higienista de melhoria da saúde, sem a preocupação do desenvolvimento de políticas sociais de saneamento básico e atendimento médico. Com estas observações podemos traçar um panorama das propostas destes métodos, que não visavam, em momento algum, proporcionar à população a prática da ginástica de uma forma emancipadora e criativa – problema este ainda não resolvido pelos profissionais de educação física brasileiros, apesar de haver esforços neste sentido.

Os métodos ginásticos adotados no Brasil⁷ eram importados da Europa e, devido às mudanças efetuadas na sociedade, havia uma forte necessidade de afirmação nacional no intuito de se construir uma *Nação Brasileira*. Com isso, a capoeira – prática corporal – que exige o desenvolvimento das habilidades corporais de quem executa seu jogo, passa a ser cogitada como uma possível solução.

Foi na instituição militar que apareceram os primeiros esboços para a transformação da capoeira em método ginástico nacional, desvinculando-a de sua origem africana. Foi também no exército que tempos antes o método ginástico francês tornou-se, pioneiramente, a metodologia de preparação física dos soldados. Em 1907 é lançado o *Guia do capoeira ou ginástica brasileira*, escrito por um oficial, identificado como O.D.C., que enxergava nesta manifestação cultural uma forma de “defesa da soberania nacional”.

Paralelamente, já existiam pessoas ensinando essa modalidade em algumas academias no Rio de Janeiro. Nesta cidade, uma personalidade do meio capoeirístico, Aníbal Burlamaqui (o mestre Zuma), ensinava capoeira pautado em regras e competições advindas do boxe, chegando a lançar, em 1928, o livro *Ginástica nacional (capoeiragem) metodizada e regrada (RJ)* (apud Reis, 1997, p. 90), em que apresentava seus conceitos metodológicos para a implementação da prática da capoeira esportiva.

Anos mais tarde, em 1944, Inezil Penna Marinho, um professor universitário de Educação Física, foi vencedor de um concurso de monografias promovido pelo Governo de Getúlio Vargas com o trabalho *Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem* (apud Reis, 1997, p. 109), em que explorava algumas argumentações apontadas por O.D.C., além de no último capítulo inserir as regras esportivas adotadas por Aníbal Burlamaqui em seu livro de 1928. Marinho (1944), em sua obra, tenta metodizar e uniformizar os golpes de capoeira para torná-la “o Método Ginástico Brasileiro”. Sua proposta veio complementar, entre outras ações, a liberação da prática da capoeira ocorrida no ano de 1937, com a obtenção de uma licença oficial do governo, adquirida por Manoel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, para ministrar aulas em sua academia, o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional.

Porém, a proposta de Marinho diferenciava-se da de mestre Bimba, pois dava início à concretização do projeto da *capoeira-esporte ocidentalizado* no âmbito nacional, onde sua aceitação pautava-se basicamente na tese de ser ela “a única colaboração autenticamente brasileira à educação física” (Reis, 1997, p. 106).

7. As referências sobre os métodos ginásticos no Brasil foram obtidas a partir da obra *Educação física: raízes européias e Brasil*, de Carmem Lúcia Soares (1994).

No entanto, foi na cidade de Salvador que – por intermédio de seus mestres tradicionais – a capoeira ganhou maior visibilidade e organização, diferenciando-se dos caminhos seguidos por esta manifestação cultural no Rio de Janeiro.

Como já dissemos antes, a capoeira nos primórdios do século XX era proibida por lei. Entretanto, muitas pessoas a praticavam clandestinamente em locais próprios e com *profissionais especializados* no seu ensino.

De acordo com estudos recentes realizados por Pires⁸, nas décadas de 1920 e 1930, havia espaços destinados às lutas de capoeira nos subúrbios da cidade de Salvador. Estes eram localizados geralmente em terrenos baldios e que se constituíam como um tipo de arena onde os jogadores se enfrentavam havendo um lugar destinado ao público para que pudesse acompanhar as disputas. Um desses locais, no Bairro da Gingibirra, era *administrado* por um guarda civil conhecido por *Amourzinho*. É interessante atentarmos ao fato que há neste momento a inversão dos valores sociais, já que a instituição que presta o papel repressivo, acoberta e protege o espaço de manifestação da capoeira.

O que podemos apreender nos estudos referentes à liberação da capoeira, que se deu a partir da década de 1930, é que no desenrolar deste movimento surgem duas propostas *populares* para esta manifestação. Estas diferenciam-se daquela defendida pelos militares e profissionais de educação física, uma vez que se pautam em referenciais distintos. Uma delas é a de Mestre Bimba, que consistia numa proposta regional, e a outra é organizada por Mestre Pastinha, tendo como parâmetro a sua etnicidade.

A proposta de Mestre Pastinha, Vicente Ferreira Pastinha, pautava-se na *capoeira angola*, que para ele possuía sua origem na África, de onde fora trazida pelos escravos angolanos. Sendo assim, sua pureza étnica é fortalecida pela preservação da tradição. O jogo da capoeira angola também difere em muitos aspectos do jogo da capoeira regional, em que há uma tentativa de resgate das tradições da cultura negra no Brasil.

Já a *capoeira regional* tem como seu fundador Mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, um *angoleiro* que não considerava a capoeira angola uma luta eficiente. Ele passa então a redimensioná-la e, a partir disso, cria um novo estilo: a capoeira regional. Para criá-la, Mestre Bimba misturou golpes de outras lutas marciais, elementos provindos de danças regionais e da ginástica olímpica. Acreditando que a capoeira teria sua origem ligada à Bahia, dizia: “a capoeira nasceu na Bahia,

8. Dados baseados no curso “História da capoeira”, ministrado por Antônio Liberac C. S. Pires, em junho de 1998, na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

em Cachoeiro, Santo Amaro e Ilha de Maré” (Reis, 1997, p. 129). Foi o primeiro a conseguir reconhecimento legal para o ensino da capoeira.

Temos então configuradas duas maneiras de se pensar e reivindicar a legitimação da capoeira. Estas duas *linhas*, apesar de lutarem juntas pela sua elevação ao *status* de *esporte* e *ginástica*, divergiam em muitos aspectos – pelo seu sentido, forma de jogo e regras – e ambas se diferenciavam, também, do tipo de concepção esportiva desejada pelos militares no início do século para esta manifestação. Podemos ilustrar esta afirmação demonstrando que para os dois mestres – Bimba e Pastinha – a capoeira possuía uma *origem negra* ligada às lutas pela liberdade dos *negros* no Brasil e seu reconhecimento deveria ocorrer neste âmbito. Já no caso dos militares brasileiros e das pessoas envolvidas com a educação física, suas aspirações eram a de transformá-la em um *esporte ocidentalizado* ou *branco e erudito*⁹, como o boxe. Entretanto, foram as propostas dos mestres baianos que vingaram e foi a partir das suas *visões de mundo* que até hoje encontramos pautados os *Fundamentos da Capoeira*¹⁰, dada a importância destes representantes para seu desenvolvimento como prática social.

Apesar das divergências, foi a partir desses dois mestres que a capoeira passou a possuir elementos comuns na sua prática, sendo realizado seu jogo em rodas, com acompanhamento de instrumentos musicais e cantos. O berimbau, como integrante da bateria, ganha sua forte dimensão de representatividade para a capoeira; resgata-se a importância da *ginga* para seu aprendizado; insere-se o costume do uso de uniformes para a sua prática (como nas demais modalidades esportivas), sendo ela realizada predominantemente nas academias, perdendo sua característica de manifestação de rua; o mestre de capoeira é a *pedra fundamental* para seu grupo ou academia, tendo as funções de ministrar as aulas e também os assuntos referentes ao seu grupo. Esses são somente alguns indícios das transformações ocorridas neste período.

Com o respaldo governamental adquirido principalmente pela capoeira regional, acompanha-se um crescimento dos seus praticantes e, com isso, sua abrangência em nível nacional. Em contrapartida, podemos dizer que a *estratégia* utilizada pela capoeira angola era sua afirmação como alternativa à *capoeira esporte*,

9. Termo utilizado por Reis (1997, p. 124).

10. Entendemos esta expressão como sendo: o conjunto de conhecimentos relativos ao jogo da capoeira passados oralmente através dos mestres. Termo também muito utilizado no candomblé para se referir aos conhecimentos relativos a essa religião. É interessante apontarmos que um capoeirista “autêntico” tem a obrigação de conhecer estes “fundamentos”, caso contrário, ele poderá ser desqualificado perante a comunidade capoeirística.

mesmo tendo como pano de fundo para sua inserção social elementos ligados à *esportivização*. Contudo, sua prática nas décadas de 1960 e 1970 tendeu a ser secundarizada em relação à regional.

Vemos que o processo de legalização da capoeira arrola fatores muito importantes para a compreensão do seu universo atual, no entanto, para consolidarmos esta análise torna-se imprescindível continuarmos atentos aos dados que vieram a aproximar ainda mais esta manifestação cultural da Educação Física.

IV. OS EMBATES NA CONFIGURAÇÃO DA CAPOEIRA MODERNA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NESTE UNIVERSO

É após o golpe militar, em 1964, que a capoeira vai se reorganizar e fortalecer-se ainda mais, adaptando-se ao novo momento histórico. Com a valorização do esporte como válvula de escape da repressão política, temos o enquadramento desta prática como um esporte de luta genuinamente brasileiro, passando a fazer parte da Confederação Brasileira de Pugilismo, ganhando, enfim... o *status* de esporte de competição. É neste triste período da história brasileira que a capoeira, uma manifestação popular de expressão de liberdade de criação, entra novamente na perspectiva de controle do Estado, mediante das organizações esportivas.

Após a década de 1970, os capoeiristas de forma geral passam a se organizar em grupos, cada qual difundindo suas propostas de trabalho, iniciando na década de 1980 uma luta pelo mercado consumidor de atividades físicas. É também nesta fase que a educação física – antes ligada às práticas corporais voltadas para o adestramento do corpo para a produção – passa a se voltar para as práticas corporais com vistas ao consumo de produtos e valorização do modelo corporal imposto pelo sistema vigente, surgindo com evidência os modelos de *corpos mercador* e *mercadoria*¹¹.

Com o nascimento dos grupos de capoeira, tendo cada qual sua linha, filosofia, tradição herdada por determinado mestre etc., vemos aumentar a diversidade de sua prática, ao mesmo tempo em que as ligas, federações e a confederação vão lutar pela sua uniformização.

Na década de 1980, os ares da *abertura democrática* invadem o país, propiciando a reorganização de vários grupos sociais e entre eles aqueles ligados à conscientização negra que buscam a valorização das manifestações culturais de

11. No texto "Pelos meandros da educação física", de Lino Castellani Filho (1993), encontramos estes conceitos sobre o corpo e uma discussão mais aprofundada sobre as mudanças ocorridas na Educação Física neste período histórico.

origem africana. A partir desse fato, a capoeira angola toma novo fôlego e volta como uma alternativa à capoeira regional, esta já bem influenciada pela capoeira esportivizada. Como consequência temos a concorrência, que sempre existiu entre estas duas linhas, acirrando-se ainda mais pelo mercado consumidor.

Anos mais tarde, vimos consolidado um *sonho* para os adeptos da *capoeira – luta brasileira*: em 1992, é fundada a Confederação Brasileira de Capoeira, sendo sua principal finalidade a exportação do esporte, para fazê-lo participar, num plano de médio a longo prazo, do calendário olímpico.

Em meio a todas essas movimentações no sentido de constituí-la em um esporte de competição, há grandes desencontros por parte dos órgãos legais (federações e confederação) e os grandes grupos de capoeira. Todas estas entidades lutam, de acordo com seus interesses, pela disputa da hegemonia – no sentido gramsciano do termo – dentro do universo capoeirístico no âmbito nacional e internacional, gerando conflitos de ordem organizacional entre os mestres de capoeira, professores e praticantes.

Diante destes fatos, relativos à inserção social da capoeira, constatamos diferentes propostas para o desenvolvimento de sua prática. Algumas delas possuem afinidades com as teorias (metodologias de ensino) de setores heterogêneos da Educação Física brasileira, sendo que cada qual possui correlações de força em níveis diferenciados dentro da sociedade.

A primeira delas é aquela ligada ao esporte de competição. Não há como negar que, independentemente da oposição exercida por alguns mestres e grupos contra a *capoeira de competição*, este processo iniciado há muito tempo – como acabamos de analisar – vai ganhando força e apoio de grupos influentes na sociedade.

Percebemos que esta proposta não contribui para a emancipação e desenvolvimento da criatividade humana; ela simplesmente impõe regras às quais se devem seguir sem contestação, não havendo a possibilidade de uma construção coletiva. Se formos apreender qual a teoria sistematizada da Educação Física¹² que se identifica com esta da *capoeira esporte de competição* podemos apontar aquela ligada à aptidão física que já é *velha conhecida* desta área.

Contudo, há os grupos de resistência a este tipo de capoeira, tanto dentro da Educação Física quanto no meio capoeirístico.

Do ponto de vista de uma análise partindo da visão dos grupos de capoeira, e atentando ao fato de não cairmos na generalização, notamos que muitos deles não acatam as decisões da confederação e, muitas vezes, nem consideram como

12 . De acordo com Lino Castellani Filho, "Classes de aceleração: uma proposta pedagógica para a Educação Física", em *Política Educacional e Educação Física*, 1998, p. 65.

órgãos representativos estas instituições (federações estaduais de capoeira e a confederação brasileira), dificultando uma comunicação para o estabelecimento de regras universais para os *atletas-capoeiristas*.

Este problema agrava-se, do ponto de vista desses órgãos, no momento em que sequer há por parte da maioria dos capoeiristas da linhagem angola possibilidade de vê-la representada como um esporte (a não ser quando surgem interesses políticos ligados a esses grupos), sendo considerada como uma manifestação cultural de origem africana dentro da perspectiva dança-jogo-luta. E nem todos os representantes da capoeira regional filiam-se às federações estaduais, além dos grupos que não se definem nem como angola ou regional, praticando a *capoeira angonal*, sendo que grande parte desses grupos também não participa destes órgãos representativos.

Outro fator que também se deve levar em conta é o de existirem muitas academias de capoeira clandestinas, sequer registradas como locais de aulas. Desde sua implementação como esporte, foram estabelecidas regras pelas federações sobre a formação que o mestre deveria possuir para abrir uma academia de capoeira. Porém, como vemos, não há um acordo comum entre as partes (órgãos representativos e capoeiristas). E atualmente, para agravar ainda mais a situação, há um embate entre o Conselho Federal de Educação Física – Confef – (já que a regulamentação da profissão de Educação Física ocorreu em 1998, com a lei n. 9.696) e os mestres que dão aulas desta modalidade. Este conflito ocorre porque o Confef estabeleceu como uma das regras para credenciamento no órgão um curso de formação de profissionais de *Educação Física* para as pessoas que ministravam aulas com ênfase em atividades físicas antes de 1º de setembro de 1998 e que *comprovadamente* tenham um reconhecimento da *comunidade* para permanecer nesta função. Os questionamentos feitos pelos mestres de capoeira vão no seguinte sentido: se o mestre é reconhecido pela sua comunidade como apto a desenvolver sua atividade profissional e já a desenvolve há anos, por que há a necessidade de fazer um curso profissionalizante para se registrar no conselho?

Vemos que de certa forma todos estes fatores vêm na contramão ao estabelecimento da capoeira esporte de competição no próprio meio capoeirístico, contribuindo numa luta contra-hegemônica¹³ para o estabelecimento de parâmetros pautados nas regras que regem o *esporte-mercadoria*¹⁴.

13. Entendemos o termo contra-hegemônico baseados no conceito de "hegemonia" gramsciana. De acordo com a definição obtida no *Dicionário do Pensamento Marxista* (p.177).

14. Utilizamos a designação "esporte-mercadoria" de acordo com o estudo de Souza, 1991.

Já os profissionais da Educação Física que não concordam com a capoeira como *esporte de competição/rendimento* partem do pressuposto de que ela, como parte da Cultura Corporal¹⁵ do brasileiro, deve ser entendida e praticada dentro do contexto social no qual os indivíduos (capoeiristas) estão inseridos.

É interessante apontarmos que esta teoria sistematizada da Educação Física, conhecida como "Crítica-Superadora"¹⁶, vem ao encontro de algumas ações realizadas em determinados grupos de capoeira, nos quais a metodologia de ensino – apesar de não corresponder geralmente a todos os pressupostos apontados pelos elaboradores desta teoria – acaba por se aproximar em vários pontos. Entre eles podemos citar a adaptação de regras do jogo às suas realidades locais e necessidades, fazendo com que haja o desenvolvimento da criatividade entre seus componentes; o incentivo aos alunos para comporem canções falando sobre a capoeira; o ensino voltado ao aprender a tocar os instrumentos que compõem a roda; o incentivo ao debate sobre a capoeira e sua contextualização histórica... são esses, entre outros elementos, os que procuram mostrar a prática da capoeira como um universo maior e mais complexo do que a repetição de gestos automatizados.

Esta perspectiva referida acima é uma alternativa concreta à capoeira esporte de rendimento/competição, pois a considera uma manifestação cultural brasileira, que é construída de maneira coletiva pelos seus praticantes e que tem como objetivo tornar esta prática mais humana e menos voltada ao consumo.

Ela pode mostrar que o principal do jogo não é a competição exacerbada e sim seu fluir/usufruir, em que jogamos com alguém e não contra este alguém. Nesta proposta a criatividade expressa pelos gestos corporais está além da simples repetição de gestos mecânicos treinados exaustivamente nos ambientes fechados das academias, em que cantar uma canção de capoeira, seja ela uma ladainha ou um canto corrido, faça parte da construção de um repertório individual e ao mesmo tempo coletivo, pois retrata a história de cada um e também do nosso povo. Ainda nesta linha de raciocínio temos a valorização de cada capoeirista, proporcionando a oportunidade para que estes possam demonstrar seu conhecimento

15. Adotamos este termo de acordo com o Coletivo de Autores, *Metodologia do ensino da educação física*, 1992, em que se propõe "uma perspectiva de reflexão sobre a Cultura Corporal", que "busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas", p. 38.

16. A teoria sistematizada "Crítico - Superadora" encontra seus pressupostos apontados em Coletivo de Autores, 1992.

aprendido de forma lúdica e não coerciva, evidenciando o fato de que cada um deve ser respeitado na roda e também na vida por aquilo que sabe fazer e deseja aprender, seja no desempenho gestual, musical, teatral, ou teórico, enfim... a capoeira comporta tudo isso porque ela é muito mais que um esporte de competição. Ela é uma rica manifestação cultural brasileira que deve ser valorizada e trabalhada de forma ampla.

Diante destas constatações podemos encaminhar alguns questionamentos e possíveis propostas.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS PRELIMINARES

Uma vez que, em linhas gerais, estabelecemos alguns referenciais para a compreensão do atual estágio da capoeira moderna, podemos nos perguntar: Quais suas tendências e perspectivas?

Pensamos que há vários caminhos que poderão ser trilhados por esta manifestação cultural de origem popular.

Dentre estes, expomos preliminarmente dois deles:

- a sua configuração como um esporte espetáculo/competição (ou mercadoria);
- o de prática integrante da cultural corporal brasileira.

Quais as demais possibilidades?

Sabemos que por toda ambigüidade que a capoeira congrega em sua forma de se constituir existem outras propostas para seu desenvolvimento. Cabe aos demais pesquisadores deste tema partilharem suas idéias e comporem um quadro alternativo àquele proposto pelo sistema vigente.

Afinal, pensamos que uma manifestação tão rica em termos criativos não pode perder-se no universo da massificação cultural. Desejamos que a prática da capoeira torne-se cada vez mais inclusiva, proporcionando, aos seus participantes, a beleza da (re)criação cultural e instigando a busca pelo conhecimento das raízes que constituíram a formação original de um povo que se identifica por certos traços, mas se funde aos demais povos na luta por um mundo mais digno de se viver.

Faz-se necessária a busca pela essência da capoeira em uma de suas funções primordiais, senão a mais importante, que é a da resistência. Resistir é preciso e de forma imediata para não correremos o risco de ver esta manifestação perder-se na roda viva do consumo, pois queremos vê-la, isto sim, na viva roda da criação humana.

Capoeira and Physical Education – a history to make people play... first notices about their inter-relations

ABSTRACT: This article aims at establishing inter-relations between Capoeira and Physical Education; by analysing the current stage of Modern Capoeira as well as putting in perspective some tendencies of this cultural manifestation. In order to fulfill this objective, we start from the dialect historical materialism through which we investigate historical facts responsible for the approximation between the Physical Education area and the universe of Capoeira.

KEY-WORDS: Capoeira; capoeira history; physical education; physical education history.

Capoeira y Educación Física – primeras observaciones respecto a las interrelaciones, un universo donde se puede jugar

RESUMEN: Este artículo intenta establecer interrelaciones entre la capoeira y la Educación Física buscando analizar la situación actual de la capoeira moderna y vislumbrar algunas tendencias de esa manifestación cultural. Para eso utilizamos el materialismo histórico dialéctico a través del cual analizamos hechos históricos responsables por la aproximación entre el área de Educación Física y el universo "capoeirístico".

PALABRAS CLAVES: Capoeira, historia de la capoeira, educación física y historia de la educación física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTOMORE, T. (Ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Co-editores: Laurence Harris, V.G. Kiernan e Ralph Miliband. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CANCLINI, N. G. Políticas culturais na América Latina. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 39 - 51, jul. 1983.

CASTELLANI FILHO, L. *Política educacional e educação física*. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. Pelos meandros da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 14, n. 3, p. 119-125, 1993.

_____. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*, 5. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

CHAUÍ, M. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: VALLE, E.; QUEIRÓZ, J. J. (Orgs.). *A cultura do povo*, 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1988, p. 119-134.

- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARINHO, I. P. *A ginástica brasileira* (resumo do Projeto Geral). 2. ed. Brasília, 1982.
- PIRES, A. L. C. S. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- REIS, L. V. de S. *O mundo de pernas para o ar – A capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- SCHAFF, A. *História e verdade*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- SOARES, C. E. L. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro - 1808-1850*. 1998. 539 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- _____. *“A negregada instituição”: capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890)*. 1993. 463 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOUZA, A. M. *Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano*. 1991. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.